

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Escola de Belas Artes
Programa de Pós-graduação em Artes
Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas

Ivana Rocha

**AI WEIWEI: sua importância para o entendimento da arte contemporânea no
ensino fundamental**

Polo Lagoa Santa

2020

Ivana Rocha

AI WEIWEI: sua importância para o entendimento da arte contemporânea no ensino fundamental

Monografia de Especialização apresentada ao Programa de Pós-graduação em Artes – PPG Artes, do Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas – CEEAV, da Escola de Belas Artes – EBA, da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas.

Orientador(a): Artur Luiz de Souza Maciel



Nome: **IVANA ROCHA**

AI WEIWEI: SUA IMPORTÂNCIA PARA O ENTENDIMENTO DA ARTE CONTEMPORÂNEA NO ENSINO FUNDAMENTAL.

Monografia de Especialização apresentada ao Programa de Pós-graduação em Artes – PPG Artes, do Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas – CEEAV, da Escola de Belas Artes – EBA, da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas.

Banca examinadora:

Prof. Artur Luiz de Souza Maciel – CEEAV/ EBA/ UFMG (Orientador)

Prof. João Augusto Cristeli de Oliveira – CEEAV/ EBA/ UFMG – Membro da Banca Examinadora

Profa. Patrícia de Paula Pereira
Coordenadora do Curso de Especialização em Ensino de Artes
Visuais e Tecnologias Contemporâneas - CEEAV
Programa de Pós-graduação em Artes – PPG Artes
Escola de Belas Artes/ EBA – UFMG

Belo Horizonte, 29 de fevereiro de 2020.

Resumo

Esta pesquisa vem compreender estratégias que pretendem auxiliar no entendimento da arte contemporânea, no sentido de aceitá-la como arte e, assim, aprimorar as experiências estéticas dos alunos do nono ano do Ensino Fundamental. Através da imersão no universo criativo de Ai Weiwei, a partir de um recorte da exposição *Raiz*, docente e discentes puderam traçar um processo de aprendizagem cujo resultado foi a apropriação do que é produzido como Arte em nosso tempo e a percepção das inúmeras possibilidades de criação oferecidas pela contemporaneidade.

Palavras-chave: Arte contemporânea; Ai Weiwei; Ensino Fundamental; experiência artística; liberdade.

Abstract

This research was inspired by the need of contact with contemporary art, in order to overcome the resistance in acknowledging it as Art in itself. However, the contact with contemporary art, in elementary education, was not only intended to eliminate the strangeness caused by prejudice or fears of what is different from common sense, seeking to know its universe, it also sought to understand its aesthetic realization through own subjective experiences. Through immersion in Ai Weiwei's creative universe, teacher and students were able to trace a learning process that resulted in the appropriation of what is produced as Art in our time and the perception of the countless possibilities of creation offered by contemporaneity.

Keywords: Contemporary art; Ai Weiwei; Elementary School; artistic experience; freedom.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	08
2. CAPÍTULO 1: DESENHANDO UM ENCONTRO COM A ARTE.....	14
3. CAPÍTULO 2: DESCOBRINDO AI WEIWEI.....	25
4. CAPÍTULO 3: VIVENCIANDO EXPERIMENTAÇÕES ESTÉTICAS CONTEMPORÂNEAS	32
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
6. REFERÊNCIAS.....	45

INTRODUÇÃO

A arte contemporânea costuma provocar intensas inquietações acerca do próprio conceito de arte e, conseqüentemente, no público que se dispõe a apreciá-la. De modo geral, as manifestações artísticas dos séculos XX e XXI surgem, sobretudo, como um vasto campo de possibilidades, o qual permite a expressão da emoção e da opinião do artista em sua obra. O rompimento com a representação não permite apenas que se caracterizem estilos individuais, a libertação do artista da arte acadêmica ainda agrega diversas linguagens, cuja exploração favorece uma criação estética que transita entre a subjetividade e as ponderações em constante transformação das sociedades atuais.

Embora pudesse parecer óbvio, uma sociedade cambiante, não necessariamente, pode se identificar, ao menos não de imediato, com uma forma artística que reflita esse caráter. Assim sendo, a arte contemporânea costuma gerar perturbações no que tange a seus conceitos, as quais perpassam o público que se disponha acolhê-la. Tendo-se em vista, ainda, que há quem sequer a admita e quem simplesmente a ignore. Esta última situação, aliás, foi meu caso por algum tempo, em virtude de uma lacuna em minha formação, o que, naturalmente, replicou-se em meus alunos.

Entretanto, a busca pela ampliação de ferramentas para uma maior compreensão das questões que permeiam a contemporaneidade, através da área de conhecimento na qual atuo como educadora, fizeram com que me deparasse outra vez com o desafio da arte contemporânea. Surgiu, então, o desejo e a necessidade de superar o estranhamento e recusa a obras de arte produzidas em nosso tempo. E, do mesmo modo que havia mantido meus alunos alheios a esse universo, quis empreender, junto a eles, a busca pelos conhecimentos inerentes a arte contemporânea, mediante um processo de aprendizagem que, pela força de sua significação para cada um, pudesse surtir o efeito de vencer a resistência inicial e proporcionar algum entendimento de seus conceitos.

Um dos fatores que poderiam justificar a recusa em relação à arte contemporânea é a falta de conhecimento sobre o próprio conceito de arte, uma vez que este muda com o tempo, sendo, pois, necessário que se considere a mudança de paradigmas a despeito do que se entende e reconhece por arte em cada momento e em cada contexto social. Ortega (2001) acredita que a não aceitação da

nova arte junto ao público deve-se ao primado de uma arte figurativa, a qual representava a vida cotidiana através de padrões esteticamente mais regulares e previamente definidos, que se tornaram mais agradáveis para os sentidos, seja pelo costume, seja por uma cultura clássica, a qual, de algum modo, se reproduz inadvertidamente. Ao passo que, a abstração necessária para a contemplação das criações estéticas contemporâneas instiga a inquietação. Aliás, a ênfase da criação artística sai do resultado final e passa à percepção do processo de pensamento do artista, a obra se torna a tradução de uma ideia através de uma forma, cor ou composição de imagens, as quais resultarão da emoção, da expressão interior do artista ou do objetivo que tenha em mente ao construí-la. A proposta que alcança o público é mais um convite ao desafio e a reflexão do que à pura atitude contemplativa.

É compreensível, pois, que tanto a proposta como os meios dos quais a arte contemporânea se vale para alcançar seu público tenha reações como as observadas através dos questionamentos dos educandos, quando manifestam comentários como: “Isso é arte?” ou “Mas, isso até o meu irmãozinho faz!”, “É esquisito”, ou ainda “Mas, ele não fez nada, só juntou as coisas!”. Certamente, um ponto chave nessa relação conflituosa com a arte contemporânea está no nosso conhecimento de mundo e na ruptura de uma tradição figurativa, que ainda não aconteceu por parte dos nossos alunos. De fato, os movimentos característicos do Modernismo causaram estranhamento, talvez, até certo desgosto por parte do público, já que eram obras muito diferentes daquilo que as pessoas estavam acostumadas a ver e a aceitação, naturalmente, não foi imediata. Décadas já se passaram após tais movimentos, visto que o surgimento da arte contemporânea tenha se dado no pós Segunda Guerra Mundial,¹ por volta de 1945. O ritmo acelerado, sobretudo, das últimas décadas do século XXI, deu a impressão de que as mentalidades acompanhariam o turbilhão de mudanças. Mas é plausível que não.

Ortega (2001) afirma que cada época tem uma inclinação e a “nova arte” também vem revelar uma nova aptidão, que leva o sujeito a seguir um determinado caminho e confere aos artistas uma orientação comum. Assim sendo, a forma como

¹ Há divergência entre os autores para essa referência temporal. Embora seja mais usual tomar-se a queda do muro de Berlim, optei pelo marco mencionado no texto por ser essa a data mencionada nos documentários sobre arte contemporânea utilizados em sala de aula, o qual passo a citar: “Arte Contemporânea: isso é arte?”. Disponível em <http://artik.in/> Acesso em 14 jun. 2019.

a vida nos atinge está ligada ao modo como vamos receber a obra de arte. Contudo, é possível que ainda persista a mesma dificuldade do público pós-guerra como uma de suas consequências, as quais seguiram pelas décadas restantes do século XX, principalmente através da Guerra Fria, a qual viria a ser a dificuldade em se aceitar que não existe e nem precisa existir um senso comum, o que em arte corresponde dizer que pessoas diferentes interpretam uma mesma obra de maneiras diversas. Nesse sentido, Eco (2008) propõe o conceito de “obra aberta”, o qual permite ao observador, a partir de várias possibilidades de interpretação, achar uma maneira individual de entender e dar significado à obra na contemporaneidade, sem estar preso a regras já estabelecidas.

Muito embora o convite pareça atrativo por si só, percebe-se, contudo, que essa dificuldade não se restringe ao ensino fundamental, ela perpassa toda a educação básica, e alcança os alunos dos cursos de formação para a prática docente em Arte. Oliveira *et al* (2008) afirmam:

Muitos chegam almejando e concebendo “o bom desenho” ainda, aquele que vê como única possibilidade a representação fiel da realidade, que remete à espacialidade renascentista. Esta concepção historicamente construída, reafirmada pelo Neoclassicismo no século XIX, marca definitivamente as concepções de arte e de ensino, balizando ainda hoje, o ensino de arte no Brasil. Percebemos que mesmo nas disciplinas que trabalham com as novas tecnologias, quando se propõe construir imagens, o pensamento que rege é este, renascentista. (OLIVEIRA *et al.*, 2008, p.1408)

Essa realidade fez parte de minha vida acadêmica e tento fazer com que essa prática não se replique em minha docência.. Para passarmos a entender que uma obra de arte só será completa se o fruidor for capaz de “... a reinventar num ato de congenialidade com o autor” (GUIMARÃES, 2009, p. 1905, *apud* ECO, 2008, p. 41), é imprescindível que se repense o ensino de Arte, uma vez que essa consciência parece evidente no artista, mas ainda não em nossos alunos e, do mesmo modo, em seus professores.

Portanto, para, ao contrário, propiciar a experimentação de algo diferente aos alunos e propor-me um desafio para complementar minha formação docente, o tema deste estudo é o trabalho de ensino e aprendizagem da arte contemporânea para os

alunos² do nono ano do ensino fundamental. Por conseguinte, terá como objeto conceber propostas de trabalho as quais possam desconstruir e construir alguns conceitos de arte, através do conhecimento, experimentação e reflexão acerca da obra de Ai Weiwei, no sentido de lhes permitir uma compreensão mais ampla da produção artística do nosso tempo.

Ai Weiwei é um artista internacional, renomado, considerado referência em arte contemporânea. Foi considerado, por dois anos seguidos (2011 e 2012) o artista mais influente do mundo pela revista *ArtReview*³. Além da multiplicidade de linguagens plásticas exploradas, que por si caracteriza o perfil do artista da contemporaneidade, ele utiliza da arte como resposta em oposição ao governo da China, como se utilizasse um idioma comum a todas as sociedades, suas obras questionam os valores da vida contemporânea. Segundo Makowiecky e Oliveira (2008) “... nem sempre há associação direta entre o que se faz hoje e o contemporâneo. Um artista que produz na contemporaneidade não é necessariamente um artista contemporâneo...” Não é equivocada, no entanto, a escolha de Ai Weiwei, já que sua obra a uns encanta, a outros incomoda, pois esse típico artista contemporâneo busca refletir sobre a sociedade atual e suas fronteiras. Tais características, certamente, contribuiram no processo de aprendizagem aqui proposto, levando os alunos a ultrapassar os limites de sua cultura, bem como de seus conceitos, em busca de uma melhor aceitação da arte do nosso tempo.

Desde meu ingresso na docência, há cerca de quinze anos, durante os quais trabalho com Ensino de Arte na rede pública estadual e municipal de Belo Horizonte, Betim e Ribeirão das Neves, com as séries finais do Ensino Fundamental (que compreendem desde o sexto até o nono ano), tenho evitado o trabalho com arte contemporânea. Sobretudo, devido à dificuldade que sempre senti com um tema, para mim, tão complexo, escolhendo apenas obras com as quais eu já sabia lidar. E, também, por ter percebido uma grande resistência, da maioria dos alunos.

É notório que a arte contemporânea ainda encontre resistência em sala de aula, seja por parte dos alunos, cuja receptividade não é boa, seja por parte dos docentes, por dificuldades em lidar com esse estranhamento ou, como no meu caso,

²Esses alunos são adolescentes entre 14 e 16 anos, do 9º ano do ensino fundamental da Escola Municipal José Miranda Sobrinho, do município de Betim – MG, região metropolitana de Belo Horizonte.

também por não dominar o tema com mais propriedade, embora compreenda sua importância. Todavia, conhecer a arte dos nossos dias é pertinente, sobretudo, porque nos faz refletir sobre as questões sociais, políticas e humanas contemporâneas. É, portanto, necessário, driblar as dificuldades que o ensino e aprendizagem desse tema trazem como desafio. Assim, a intenção deste estudo foi elaborar propostas para o ensino e aprendizagem da arte contemporânea, voltadas para os alunos do nono ano do ensino fundamental, por meio das quais pudessem ampliar sua compreensão da produção artística do nosso tempo. Esta pesquisa foi desenvolvida a partir do relato de minha experiência pedagógica no processo de aproximar os alunos da arte contemporânea por meio das obras de Ai Weiwei.

Além do levantamento bibliográfico acerca do tema, o qual permitiu a fundamentação teórica de minha prática docente, também foi utilizado material audiovisual sobre o assunto, de acordo com os objetivos de cada aula, o qual variou entre filmes ilustrativos, imagens e documentários. Além, claro, de uma visita guiada à exposição *Raiz Ai Weiwei*, ocorrida entre 11 de fevereiro a 15 de abril de 2019, no Centro Cultural do Banco do Brasil (CCBB), em Belo Horizonte.

A prática pedagógica compreendeu aulas expositivas permeadas por vídeos, textos e pelos trabalhos do artista Ai Weiwei, entre outros. Outro ponto que merece destaque foi a mudança de perspectiva do aluno, adotando-se um caminho que o tirou de seu lugar convencional, apenas de expectador. Postura que, aliás, estendeu-se a mim, como educadora e propositora da experiência. A provocação proposta por essa inversão dos lugares, iniciada através das vivências na Exposição *Raiz Ai Weiwei* e de reflexões a partir dela, encorajou os alunos a utilizar materiais do cotidiano escolar e cultural, para desenvolver, através de dinâmicas em grupo, ou individualmente, eles mesmos, produções, as quais puderam expor para o restante da escola.

Todo esse processo, aqui exposto, serviu, respeitados os limites éticos, de material para o relatório de minha experiência pedagógica e das implicações decorrentes deste trabalho.

No capítulo 1, pretendo fazer um relato de atravessamentos entre as esferas que vivenciei na atividade acadêmica e na docência, que se deram pelas minhas experiências artísticas e o que fui encontrando e descobrindo pelo caminho.

No capítulo 2, pretendo apresentar uma breve biografia do artista e discorrer a respeito de algumas das obras da exposição *Raiz*. A partir da visita realizada, explanar um pouco sobre o meu contato e dos alunos durante a exposição e dos trabalhos que, mediante esse contato, pareceram mais relevantes.

No capítulo 3, pretendo abordar sobre as atividades desenvolvidas pelos alunos depois do contato com a obra de Ai Weiwei, descrevendo como se deram as aulas entre apresentar o artista e a produção dos alunos, explanando conceitos e processos.

Este trabalho, portanto, servirá de base a contribuir para estudos e para compreender mudanças de estratégias que pretendem auxiliar no entendimento da arte contemporânea, no sentido de aceitá-la como arte e, assim, aprimorar as experiências estéticas dos alunos do nono ano do Ensino Fundamental de forma que se aproximem da arte produzida em nosso tempo, através de um recorte feito da exposição *Raiz*, buscando conhecer um pouco da obra e do artista Ai Weiwei.

CAPÍTULO 1: DESENHANDO UM ENCONTRO COM A ARTE

A experiência de relatar o passado é sempre uma oportunidade de se reconstruir. Talvez o educador devesse ser estimulado, inclusive institucionalmente, a fazê-lo, uma vez que passamos a descobrir como esse exercício pode contribuir em nossa formação e repercutir na transformação dos processos educativos de nossa prática docente cotidiana. E não me refiro apenas a recuperar a memória das aulas que foram ministradas no ano passado, para planejar um novo ano que se inicia, por exemplo. Mas, de uma viagem mais profunda, de reaver as lembranças de quando fomos alunos da disciplina que, hoje, lecionamos. É a empreitada que pretendo iniciar.

Na década de 1990, durante a educação básica, muito superficialmente vivenciei Dança, Música, Teatro e Artes Visuais, ou qualquer outro tipo de manifestação artística. Ia ao cinema, nas férias escolares, ver os filmes dos Trapalhões. A televisão era o meu deleite, passava horas assistindo desenhos animados ou filmes. Algumas vezes, gostava de desenhar paisagens e figuras de revistas ou as pessoas da minha família. Quem via percebia a facilidade em desenhar, mesmo porque me predispunha a praticar. Hoje, após realmente vivenciar as Artes Visuais e Audiovisuais, tenho certeza dessa aspiração, pois as práticas e conhecimentos apreendidos durante minha graduação na Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais – EBA/ UFMG, reafirmaram que existia a vontade de aperfeiçoar aquela habilidade, que poderia ser ampliada por possibilidades, as quais ainda não me haviam sido ofertadas.

No período durante o qual eu cursava a educação básica, entre 1984 e 1995, não houve exatamente o ensino de Arte, que não era vista como disciplina e tão pouco era apresentada como conteúdo. Funcionava tão somente como uma espécie de distração. Minhas aulas de Educação Artística, no Ensino Fundamental, eram voltadas para as Artes Visuais, especificamente com desenho livre ou tecnicista, ambos com o uso do lápis de cor. Criávamos artesanatos utilitários nas aulas de Educação para o Lar. No Ensino Médio, conheci as notas musicais e alguma coisa de partitura, ambas dentro da Teoria da Música, no entanto, não vivenciei nenhuma prática de instrumento nessas aulas. Teatro, somente nas aulas de Português, para reproduzir o livro que havíamos lido. Dança, apenas durante as aulas de Educação

Física, em ensaios para alguma apresentação da escola. Enfim, conforme já dito, práticas superficiais e pouco compromissadas com um trabalho de formação da Arte enquanto conceito e conteúdo.

Essas práticas não geravam problematizações e nem reflexões, por serem descontextualizadas. Nessa época, embora a disciplina constasse nos currículos, ainda era vista como lazer e não tinha valor enquanto área de conhecimento. Mesmo assim, foram nesses momentos tidos como 'de relaxamento' que, anos mais tarde, repercutiram na minha escolha para o Ensino Superior. Hoje consigo perceber o valor dessa vivência, embora advinda de um ensino polivalente e superficial. Conforme Pimentel:

[...] No Brasil, a Reforma Educacional de 1971 estabeleceu um novo conceito de ensino de arte em que artes plásticas, música e artes cênicas deveriam ser ensinadas conjuntamente por um mesmo professor da 1ª à 8ª séries do então 1º grau (hoje Ensino Fundamental). Educação Artística passou a designar o "ensino" polivalente, que é superficial, desprovido de conhecimento e tratado como atividade. Em 1973, foram criados os cursos de Licenciatura em Educação Artística (licenciatura curta – 2 anos – ou plena - + 2 anos) para preparar esses professores polivalentes. O ensino da arte dá lugar à Educação Artística, de cunho superficialista, deixando de ser disciplina para ser apenas uma atividade. Arte é vista somente como lazer, relaxamento, sendo ignorada como área de conhecimento. (PIMENTEL, 2006, p. 2)

Por vinte e cinco anos não usufruí do ensino de Arte propriamente dito, a não ser em algumas escolas que contavam com excelentes professores, que desenvolviam um bom ensinamento, segundo compreendido em Pimentel. Foi no pré-vestibular que despertei a curiosidade e a vontade definitiva de estudar Artes Visuais. O cursinho pré-vestibular, única modalidade de estudo paga que frequentei, ofereceu aos alunos um teste vocacional, cujo resultado foi de 75% para o campo das Artes. A esses alunos foi indicado, então, um professor que daria aulas específicas, no intuito de prepará-los para a prova de aptidão, momento no qual tive contato com técnicas de desenho e diferentes obras de arte desse professor, bem como de outros artistas.

Ao chegar, pois, à Escola de Belas Artes, da Universidade Federal de Minas Gerais, EBA/ UFMG, que realmente vivenciei Arte, não sem me sentir, no início, uma "estranha no ninho". Entretanto, abriu-se um novo mundo para mim, nunca antes

oferecido, uma vez que na EBA/ UFMG os recursos eram bem diversificados, entre técnicas, referências imagéticas e experiências estéticas, através de livros, vídeos, visitas a exposições e uma diversidade infinita de materiais até então nunca imaginados.

Contudo, o curso de Belas Artes, ainda em seu ciclo básico, antes mesmo da escolha pelo Bacharelado ou Licenciatura, passou gerar alguma frustração. Na minha perspectiva de aluna, acreditava que os professores valorizavam demasiadamente o desenho naturalista, mas na verdade era eu, através da minha falta de informação e formação, que valorizava o desenho figurativo e me cobrava um desenho naturalista, assim como meus alunos o fazem hoje. Encontrei então refúgio no uso da colagem, na abstração e no Cinema de Animação, o qual resultou em minha primeira formação. No entanto, depois de formada, sem emprego ou perspectivas na área, voltei à EBA/ UFMG para cursar a Licenciatura em Desenho e Plástica. Por conseguinte, com uma nova formação, segui para a sala de aula como professora de Arte na educação básica.

Entre 1998 e 2005, período no qual eu cursei a Escola de Belas Artes EBA/ UFMG, havia uma discussão a respeito do ensino da Arte dentro da educação básica. De acordo com Pimentel (2006), este não era tratado com a devida seriedade, a qual culminava em discussões até mesmo quanto à sua nomenclatura. Mas, dentro da EBA, nesse mesmo período, vivenciei a Abordagem Triangular criada por Ana Mae Barbosa, que é minha referência ainda hoje em sala de aula.

A Abordagem Triangular surgiu do diálogo entre o discurso pós-moderno e o processo consciente de diferenciação cultural, também pós-moderno, contudo, só foi sistematizada entre os anos de 1987 e 1993. Essa proposta vem designar ações como componentes curriculares: o fazer, a leitura e a contextualização, são ações básicas, as quais se aplicam a estudar o conhecimento humano no que diz respeito aos elementos do ensino e aprendizagem em Arte. Para tanto, Ana Mae Barbosa recebeu influências de outras três abordagens epistemológicas, as quais se incorporam a ideia de Arte como expressão e como cultura: as *Escuelas al Aire Libre* mexicanas, por volta de 1910, o *Critical Studies* inglês e o Movimento do Apreciação Estética aliado ao *Discipline Based Art Education (DBAE)* americano, ambos por volta dos anos 60.

Apesar de todas as dificuldades encontradas na profissão, me recuso a ser uma professora polivalente e prefiro me enquadrar no que Pimentel diz sobre os profissionais da educação no início do século:

O que se pode afirmar é que, neste início de década, século e milênio, busca-se conhecer as dinâmicas curriculares em nível mundial, mas, ao mesmo tempo, evitar o aumento de nossa dependência cultural, através de uma reflexão crítica sobre a influência estrangeira. Mesmo quando se tenta impor uma reformulação curricular importada, financiada pelo BIRD e tida como necessária para toda a América Latina, grande parte das profissionais da educação não se submete a simplesmente executar programas e responde à imposição não somente com críticas, mas com projetos e reflexões registradas, visando à sedimentação de um pensamento educacional brasileiro. (PIMENTEL, 2006, p.1)

Apesar de alguns percalços, minha história com a aprendizagem em Arte serviu para preparar minhas aulas. Sempre repenso a experiência daquela aluna que conheceu a Arte muito superficialmente e que viria a apresentar dificuldade no desenho. Digo a meus alunos que não existe desenho feio ou bonito. Há maneiras diferentes de representar, de olhar o objeto, há linhas e traços diferenciados, que podem ser interessantes ou não. Insisto que não existe *“eu não sei desenhar”*. E há também um aluno mais interessado enquanto outros nem tanto nesse tipo de expressão. Portanto, ofereço a eles diferentes maneiras de se expressarem. O foco da aula não será, assim, necessariamente, concluído através do desenho. E, dessa forma, tento amenizar para eles as frustrações que vivenciei em meu percurso. Desse modo, busco novos olhares para o ensino de Arte na sala de aula. Mas, sempre me deparo com a dificuldade em conseguir, tanto por parte do aluno como por parte da escola, materiais diversos – além de lápis de cor, papéis com gramaturas diferentes, telas, tintas, nanquim, argila, arame, tecidos, sucatas etc.

Por outro lado, o fácil acesso ao celular, por parte dos educandos, está se ampliando a cada dia, e é inegável o desejo pelo aparelho e pelas diversas possibilidades por meio dele oferecidas. O celular, sobretudo, o uso da internet e a gama de aplicativos, além, claro, das redes sociais, todo esse aparato pode e até deve ser utilizado em sala de aula na aprendizagem em Artes Visuais, uma vez que o aluno já chega à escola com um repertório desses conhecimentos que não pode mais ser ignorado. Contudo, é preciso antes um melhor entendimento da tecnologia,

de conhecimentos técnicos e de aplicações através de ferramentas como celular, tv, internet, vídeo etc.

Segundo Loyola, o computador, o *tablet*, o telefone celular, entre outros dispositivos, são equipamentos que possibilitam que o cotidiano desses alunos seja, crescentemente, mediado pelas tecnologias, “suas percepções e práticas passaram a ser constantemente modificadas” (SANTOS, 2003, p. 9, *apud* LOYOLA, 2016, p. 31). A tecnologia vem permitir “a unificação de várias linguagens em um só espaço, diminuindo as fronteiras entre os suportes” (LOYOLA, 2016, p. 31). O que antes era usado de forma isolada, hoje é misturado. Antes do surgimento da arte contemporânea, a pintura era tão somente “a aplicação de tintas, de diversas origens e composições, sobre qualquer superfície ou suporte” (LINCOLN, 2008, p. 34). Hoje, trata-se a pintura como a soma de várias ações expressivas para se alcançar um resultado artístico, também temos o objeto na tela, a expressão através do corpo, cujo uso se caracterizava no teatro ou dança, agora também se expressa pela performance e o *happening*, além da interação entre a música e a tinta, entre tantas outras misturas.

Tais combinações encontradas na arte contemporânea podem ser encontradas no trabalho da artista plástica Leda Catunda, no documentário *Quem Tem Medo de Arte Contemporânea* (2008), no qual se exemplifica bem essas possibilidades, através da descrição que ela mesma faz de um determinado período de sua obra.

Mais recentemente tenho usado uma técnica de imprimir as fotografias no *voile*. Então, além dos materiais que eu encontro, como os tecidos, plásticos e outras coisas estampadas, agora eu uso também as imagens que eu mesma fotografo e são impressas em tecido. Eu junto todos esses tecidos para fazer a base da minha pintura, muitas vezes com costura, e recorto em formas orgânicas, de modo que o trabalho fica entre a pintura e o objeto. (QUEM TEM MEDO DE ARTE CONTEMPORÂNEA, 2008)

Atualmente, os artistas se mostram interessados na exploração de diversas linguagens artísticas, abrindo espaço para diversos processos poéticos, e isso se dá, também, pelo leque de possibilidades que a tecnologia vem oferecer. Caracterizam-se os processos de criação individuais, trazendo consigo diferentes conceitos de Arte, mostrando que as artes precisam interagir, extrapolando o que se definia como limite. Por conseguinte, nosso aluno também deve ter liberdade para se expressar

ao vivenciar suas experiências estéticas. Para isso, as possibilidades devem ser apresentadas a ele.

É, portanto, necessário que o professor de Arte inclua em seu material didático-pedagógico o uso das tecnologias no ensino de Artes Visuais, uma vez que esta avança no ambiente escolar implicando em novas maneiras de construir conhecimento. Um exemplo disso é o uso dessas tecnologias para ampliar o referencial imagético do aluno, pois muitos deles ainda têm somente o livro didático como referência para Artes Visuais em suas casas. Ainda não é o caso de se descartar o livro didático, não é o que quero dizer, mas seu uso não precisa mais ser exclusivista, pode funcionar, antes, como um ponto de partida para o aluno. Agregado às novas tecnologias, ele pode direcionar experiências estéticas significativas. O contrário também pode ocorrer, já que algo visto nas telas pode ser redescoberto no livro didático e reafirmado enquanto conhecimento, bem como noutros ambientes, buscando-se sempre não restringir e minimizar as vivências em Arte ao ambiente da sala de aula.

Aliás, é preciso estar atento para que o ambiente da sala de aula não seja limitador, ao invés do contrário, já que teoricamente propõe, ampliar conhecimentos e promover descobertas. Relatar minha vivência como educadora em Arte me despertou, claro, para o fato de como nos acomodamos numa rotina repetitiva e monótona diante da falta de estrutura da escola pública e de um sistema que nem sempre oferece as melhores condições de trabalho para o profissional, tanto em termos compensatórios quanto no que se refere ao currículo dentro do qual se enquadram nossas possibilidades de atuação docente. Justamente essa conjuntura desafiou-me a refletir. E não só pensar, como também trabalhar no sentido de buscar mais apesar das contingências, desde o que se refere à procura do inusitado no cotidiano, a outras possibilidades de materiais didáticos para além dos tradicionais. Mais ainda, o principal desafio que essa reflexão inicial me proporcionou foi a necessidade de extrapolar a realidade do aluno. Não é que se deva desconsiderar essa realidade, porém, deve-se ter muito cuidado para não cair na armadilha de elaborar aulas que acabam se restringindo apenas ao que o discente já conhece. É necessário apresentar ao estudante algo que vá além, que amplie seus horizontes, que provoque estranhamento, que aguace a reflexão.

Para tanto, eu, como professora, através de minhas vivências, tento apresentar, além do conhecimento histórico, o maior número de referências imagéticas possíveis ao aluno. Percebo muitos chegando ao nono ano do ensino fundamental, sem referências de qualquer artista. Loyola (2016, p. 14) considera “fundamental que o Professor seja uma pessoa envolvida com arte”, para não só elaborar atividades e distribuir tarefas aos alunos. Ainda segundo ele, “quanto maior o envolvimento estético do Professor com a arte, maiores serão as oportunidades de pensar e propor experiências que estimulem nos alunos suas habilidades de criação e de senso crítico” (LOYOLA, 2016, p.15).

Neste ponto, passei a produzir para partilhar. Minha produção saiu do aspecto individual para pensar o coletivo. Desde que me inseri na docência, minhas experiências artísticas, pois, mudaram de foco. Essas produções artísticas são experimentações. Como professora propositora, e tomando o espaço escolar como caminho legítimo para atividades coletivas, ofereço aos alunos um catálogo de possibilidades a serem exploradas. Tento sempre produzir antes de apresentar a proposta, a fim de oferecer uma referência ou exemplo de um direcionamento que eles possam seguir, ou um possível resultado a que eles possam chegar, ou seja, procuro apresentar da maneira ampla, mais tangível, as possibilidades plásticas. Ao produzir antes deles, estou também pesquisando se o material é apropriado para a faixa etária e, principalmente, para a quantidade de alunos em sala de aula, além de considerar outros aspectos, como o espaço físico de que disponho na escola para a realização da proposta. Enfim, todo o meu trabalho artístico se pauta na tarefa da educação, no ato de aperfeiçoar em meus alunos suas capacidades intelectuais e práticas, concomitantemente.

Nessa perspectiva, compartilho aqui da mesma opinião de Cattani (2002), de que o pensamento verbal se difere do visual, mas se complementam ao mesmo tempo. Enquanto o primeiro faz um discurso por meio da palavra, o segundo, por sua vez, se expressa através de cores, linhas, pontos, formas, volumes, suportes e materiais com os quais resultará em um objeto artístico, a obra. Na contemporaneidade, não basta produzir e deixar que a obra fale por si. O aluno será provocado a falar sobre sua obra e o professor a falar da sua prática, e existem diferentes modos de se expressar sobre algo. É importante que aluno e professor trabalhem juntos e simultaneamente com os dois sistemas do pensamento: o visual

e o verbal. Encontrar uma forma que ajude o aluno a expressar o que se quer, da forma como se quer, são maneiras de aprofundar e enriquecer a obra, pois entre o que se quer dizer e o que a obra diz, pode haver um distanciamento. O espectador interpreta e seleciona aquilo que vê. Assim, a palavra poderá trazer novos elementos que enriquecerão a reflexão do aluno, bem como do professor, no intuito de que, futuramente, esses alunos possam desenvolver sozinhos os seus próprios trabalhos.

O sistema educacional, do qual faço parte, não parece priorizar do professor a ação de ensinar, mas privilegiar certas burocracias como, por exemplo, redigir relatórios de conteúdos ministrados, a aplicação da prova tradicional, o preenchimento de diários de classe, manter-se o aluno dentro do espaço físico da sala de aula etc. Essa conjuntura, a menos no que se refere ao conteúdo de Arte, nos tira o pouco do tempo que nos resta para pesquisar e planejar aulas e dá pouco espaço a expressão da subjetividade de cada aluno. Cerceia um dos conceitos básicos da Arte, a liberdade.

As manifestações artísticas dos séculos XX e XXI vêm nos mostrar diversas possibilidades, principalmente a libertação do artista da arte acadêmica, rompendo-se de tal modo qualquer obrigação com a representação. Os artistas desses últimos séculos intensificam suas emoções e opiniões em suas obras, bem como parte da complexidade da vida, das acelerações que as novas mídias e meios inseriram em nossas vidas, os horrores do pós-guerra, a barbárie etc. A produção artística a partir desse período dá ênfase, dessa forma, a uma subjetividade, ao seu processo de criação e suas indagações. Conforme Loyola (2016, p. 13), “em Arte é fundamental o respeito às subjetividades dos alunos, o jeito próprio de cada um perceber o mundo e de se expressar no mundo e com o mundo”.

Após essas reflexões, é que decidi adotar em minhas aulas a arte contemporânea, até então, desconsiderada em meu trabalho docente. É através dela, creio eu, que irei conceber aulas mais significativas para o ensino e aprendizagem em Artes Visuais de acordo com a realidade do aluno, assim como articular o uso do material elaborado por mim ao contexto deles e avançar para além de abordagens que já fazem parte do seu cotidiano, estimulando a curiosidade e a experimentação no pesquisar e no fazer artístico.

Barbosa (1998) ainda é muito atual quando explana que refletir sobre a imagem, proporcionar a leitura da obra de arte, despertar a capacidade crítica do

aluno é algo que tem lugar em muito poucas escolas. Além da influência diária da televisão, mais atualmente temos a influência das redes sociais: *Facebook*, *Instagram*, *WhatsApp*, entre outras. Faz-se, pois, urgente a alfabetização para a leitura da imagem, determinante para a condição humana. E embora não seja de interesse da elite, enquanto professora de Arte, mais que entreter os alunos, como já se entendeu no passado que era função desta disciplina, é premente a necessidade de instrumentalizá-los e sensibilizá-los para os eventos do seu dia a dia. Segundo Barbosa,

Sonegação de informação das elites para as classes populares é uma constante no Brasil... os pobres precisam somente aprender a ler, escrever e contar. O que eles não dizem, mas nós sabemos, é que, assim, estes pobres serão mais facilmente manipulados. (BARBOSA, 1998, p. 36).

No sentido de atender à necessidade de propor vivências que pudessem fazer com que meu aluno fosse capaz de construir um conhecimento crítico, num processo em que eu pudesse atuar apenas como mediadora, deparei-me com Ai Weiwei. O encontro de meus anseios com sua obra, inserida nos conceitos da Arte contemporânea, incitou à realização de algo novo em minha docência. A Arte contemporânea traz consigo um choque com a realidade de vida, tira o indivíduo do seu lugar comum. Ela vem impregnada de questionamentos enquanto apresenta uma fragmentação na narrativa de ideias, sentimentos e ações. Apresenta sim correspondência com o passado, já que é preciso compreender o passado e sua história para se chegar ao que é contemporâneo, e, no entanto, traz o inesperado. Logo, o indivíduo tende a estranhar, pois tudo que é novo tende a ser rejeitado, sobretudo se intrigar, é necessário um período de adaptação para aceitar e entender. A falta de informação, a falta de contato e principalmente a falta da formação do olhar compõem essa problemática, por isso a necessidade de visão para o passado para se compreender o presente.

Experimentei em alguma medida, eu mesma, essa ignorância e perturbação quando iniciei, minhas pesquisas sobre a obra de Ai Weiwei. Ainda que tivesse conhecimento dos conceitos que permeiam a arte contemporânea, senti falta de informação sobre a obra do artista e seu contexto de vida, além da necessidade de compreender o contexto histórico da China. Somente após preencher essas lacunas

é que pude me lançar à tentativa de compreensão de sua obra. Hoje, porém, após iniciar este estudo, percebo que não é preciso entendê-la, mas, aproximar-se dela, interagir.

Ai Weiwei é famoso por expressar em seu trabalho, de forma bastante singular e extravagante, um enfrentamento entre os modos tradicionais de vida dos chineses e a vida contemporânea. Não estando o espectador a par do modo de vida que rege a China, este não compreenderá, tão pouco refletirá sobre, por exemplo, uma de suas principais obras, intitulada *Dropping a Han Dynasty Urn (Deixando cair uma urna da dinastia Han)*, a qual apresenta o artista derrubando propositalmente uma urna cerimonial, de cerca de 2.000 anos, período importante da história dos chineses.

Talvez esta seja uma problemática da arte contemporânea, ao menos para alguns. O espectador não tem que necessariamente entender de Arte ou do contexto histórico e cultural que envolve a obra para usufruir dela, entretanto, sem algumas informações e sem um olhar minimamente formado, esse espectador conseguirá interpretar e ao menos refletir a partir dela? É uma questão controversa. De acordo com Barbosa,

O objeto da interpretação é a obra, não o artista, portanto uma interpretação não precisa incluir a intenção do artista, mas não necessariamente se deve excluir dados captados fora da obra através da biografia, da vida do artista... (BARBOSA, 1998, p. 47)

Quando li sobre as experiências que Ai Weiwei havia desenvolvido na China, senti que elas poderiam funcionar como catalisador de uma reflexão a respeito da arte contemporânea e da necessidade histórica e política do momento que estamos vivenciando. Para Marcelo Dantas,

... muitas vezes o agente de mudança vem de um elemento remoto, que entra em contato com um território novo. Weiwei aplicou um modelo de ativismo social na produção de arte e, simultaneamente, pôs a arte no centro dessa ação. (MINISTÉRIO DA CIDADANIA, 2019, p. 3)

Assim sendo, tenho experimentado as linguagens contemporâneas em meu trabalho em sala de aula, contextualizando a obra de Weiwei junto a meus alunos e aplicando, através de diversas experimentações estéticas, os momentos políticos

pelos quais estamos passando. Foram construídas instalações pela escola nas quais as obras questionaram: o desastre ambiental de Brumadinho, a importância de se economizar água para as gerações futuras, a importância da preservação das árvores, bem como do meio ambiente, o cerceamento da liberdade de expressão o qual tem ocorrido de forma velada.

Também foram feitas experimentações, fora da temática política, performances pelo simples fato de brincar com a reação do público, neste caso, o restante da escola. A proposta era interagir com o espectador através de uma brincadeira com as cores através de pó colorido. Também praticaram a *body art* e desfilaram pela escola, fizeram cartazes questionando o consumismo dentro de uma estética *pop*, em forma de corpo humano, preenchidos com imagens da cultura de massa televisada e produtos de consumo. Esculturas de canudinhos de papel entre tantas outras experimentações que abandonam os suportes tradicionais.

A maioria dessas experimentações abordadas foi encontrada na exposição *Raiz Ai Weiwei*. O artista discute e nos faz refletir sobre a vida contemporânea sem nos deixar esquecer o passado. A exposição traz obras e discursos do próprio artista nos quais demonstra o pensamento verbal complementando o pensamento visual e vice-versa. A partir do momento que o artista se expressa verbalmente sobre sua obra, ele demonstra que ela não está finalizada, está em construção. Complementa-se com o efeito da reflexão causada no espectador. No capítulo seguinte, pretendo apresentar uma parte da produção de Ai Weiwei a fim de evidenciar que a obra do artista é plástica, é discurso, é ato. Simultaneamente.

CAPITULO 2: DESCOBRINDO AI WEIWEI

O *Ninho de Pássaro*, Estádio Nacional de Pequim, construído especialmente para sediar os Jogos Olímpicos em 2008, na capital da China, teve Ai Weiwei como consultor artístico daqueles que o idealizaram. Essa foi a primeira vez que me deparei com o nome do artista junto aos dos arquitetos Jacques Herzog, Pierre de Meuron e Stefan Marbach.

Nascido em 28 de agosto de 1957, na capital chinesa, Ai Weiwei viveu seus primeiros dezesseis anos junto de sua família, em um campo de trabalho, na província de Heilongjiang (Beidahuang). Em 1961, foram exilados em Xinjiang (Shihezi), pois seu pai, Ai Qing, poeta, libertário e membro da Revolução Chinesa, havia sido denunciado durante o Movimento Antidireitista⁴. A família só voltou a Pequim, em 1976, após a morte de Mao Zedong e o fim da Revolução Cultural. Dois anos depois, Ai Weiwei se matriculou na Academia de Cinema de Pequim e estudou animação. Foi um dos fundadores do grupo de arte de vanguarda, as "Estrelas", que se dissolveu em 1983, mas, do qual, ainda assim, participou regularmente de shows do grupo *Stars, The Stars: Ten Years*, até 1989.

De 1981 a 1993, morou nos Estados Unidos, onde estudou inglês, Design e participou da *Art Students League* de Nova York. Posteriormente, abandonou os estudos e ganhou a vida com o desenho de retratos de rua e iniciou seus trabalhos com arte conceitual, alterando objetos prontos. Durante esse período, Ai Weiwei tirava fotos a todo o tempo, onde quer que estivesse. Futuramente, essa coleção de fotos ficaria conhecida como "Fotografia de Nova York".

O pai doente faz Ai Weiwei retornar à China em 1993. E, apesar da política de controle de informações e da produção cultural, tornou-se artista atuante e engajado. Publicou uma série de três livros sobre a nova geração de artistas experimentais chineses. Em 1999, executou seu primeiro projeto arquitetônico, sua casa de estúdio. No ano seguinte, participou na organização da exposição de arte *Fuck Off*.

⁴ O movimento Antidireitista da República Popular da China, de 1950 a 1960, foi uma série de campanhas para expurgar os indivíduos considerados "de direita", dentro e fora do Partido Comunista Chinês. As campanhas foram iniciadas pelo líder comunista chinês Mao Tzé-tung. As definições de "direitistas" nem sempre foram consistentes, mas, em geral, se referem aos intelectuais que apareceram a favor do capitalismo e as divisões de classe e contra a coletivização. Esta política perseguiu cerca de 550.000 pessoas. Disponível em <https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Campanha_Antidireitista Acesso em 11 dez 2019.

Em 2003, fundou o estúdio de arquitetura *FAKE Design*. Em 2005, inicia seu primeiro blog a convite da *Sina Weibo*, a maior plataforma de internet da China, na qual escreveu por quatro anos sobre política, pensamentos e autobiografias. Posteriormente, passou a utilizar a plataforma *Twitter*. Em 2007, fez uma exposição retrospectiva no *Today Art Museum*, em Pequim, "Ponto de Origem".

Em 2008, após o terremoto na província de Sichuan, Ai Weiwei recrutou voluntários on-line e lançou uma "Investigação do Cidadão" para compilar nomes e informações das vítimas, sendo a maioria estudantes, em resposta a falta de transparência do governo chinês diante do fato. Ocorre que, denúncias de corrupção alegavam que as escolas construídas nessa área haviam negligenciado os padrões adequados de engenharia civil a fim de economizar materiais. Para sanar o problema, o governo estaria oferecendo uma compensação monetária às famílias enlutadas em troca de seu silêncio, embora anunciassem uma investigação a respeito do caso. Antes que o governo pudesse elaborar respostas, em 2009, o blog do artista publicou uma lista com nomes de 5.385 estudantes vítimas do terremoto e artigos que documentavam uma averiguação. As autoridades chinesas encerraram o blog logo depois dessa publicação. Ainda nesse ano, Ai Weiwei foi espancado pela polícia por tentar testemunhar a favor de Tan Zuoren, colega também envolvido na investigação do terremoto de Sichuan, considerado preso político sob acusações de subversão ao poder do Estado. Além disso, suas contas no Google foram raqueadas e suas contas bancárias investigadas. Passaram a alegar que ele estava sob investigação por "crimes suspeitos não especificados".

Em 2010, Ai Weiwei foi colocado em prisão domiciliar pela polícia chinesa, na tentativa de impedir que ocorresse a festa que marcaria a demolição de seu estúdio em Xangai, a pretexto de irregularidades na obra, fato sobre o qual já havia sido comunicado há dois meses. Na verdade, as autoridades municipais estavam mesmo insatisfeitas a despeito dos documentários produzidos pelo artista sobre assuntos que consideravam "sensíveis" ao governo. Através de seus apoiadores, o evento não deixou de acontecer, embora a demolição tenha sido cancelada. Ai Weiwei teve reintegrada sua liberdade no dia seguinte, porém, no final desse mesmo ano, foi impedido de deixar a China por razões de segurança nacional.

Sem nenhuma notificação prévia, no início de 2011, o estúdio de Ai Weiwei, foi, enfim, demolido pela polícia local. Pouco depois, o artista seria preso

no Aeroporto Internacional de Pequim. A mídia Estatal alegou que "seus procedimentos de partida estavam incompletos". Além disso, suas instalações de estúdio foram revistadas, seus computadores apreendidos e oito pessoas de sua equipe foram detidas, inclusive sua esposa, Lu Qing. Por acusações de sonegação de impostos, o artista permaneceu preso por três meses. Por um ano, no entanto, foi proibido de deixar Pequim sem permissão. Em 2012, recebeu autorização para deixar a cidade, contudo, ainda estava impedido de viajar para outros países. Permaneceu sob vigilância até 2015, quando recebeu um passaporte que o autorizou transitar para o exterior. Mudou-se, então, com sua família, para Berlim, Alemanha, de onde seguiu atuante, como artista que não se esquivava de criticar através de seu trabalho, viajando internacionalmente para divulgá-lo e agregar repertório cultural a sua formação. Em 2019, mudou-se para Cambridge, Inglaterra, onde mantém residência até o momento.

Além de artista, Ai Weiwei é um ativista contemporâneo e, como tal, criticou abertamente a posição do governo chinês sobre democracia e direitos humanos. Sobretudo, quando investigou a corrupção e a falta de transparência da administração pública, em particular, o escândalo de corrupção nas escolas de Sichuan após o terremoto em 2008. Como artista, ademais de extremamente criativo e ousado, seu trabalho apresenta uma reflexão sobre os valores e a matéria, que estão intimamente conectados às causas sociais e humanas. Desafios da contemporaneidade, os quais também tocam nas questões tradicionais chinesas, que ele soube atar à sua produção artística de forma a evidenciar uma transformação social e coletiva.

Já é de costume de Ai Weiwei agregar colaboradores como artistas locais e artesãos quando realiza uma exposição em países estrangeiros. No Brasil não foi diferente, ele conheceu a diversidade do nosso país explorando diferentes cidades nas quais trabalhou junto com seus artesãos. Desse modo, entre as criações produzidas no Brasil encontra-se uma série de obras feitas com raízes centenárias de pequi-vinagreiro, espécie típica da Mata Atlântica encontrada em Trancoso, Bahia, que contou com a mão de obra de carpinteiros chineses e brasileiros, nas quais conciliou as raízes culturais chinesas e as raízes ancestrais brasileiras. Segundo Dantas (2019), quando essas raízes surgiram no caminho do artista, houve

o encontro de um significado comum entre a inspiração e o objeto de sua busca. Assim, deu-se o nome da exposição: *Raiz*. Ainda segundo o curador,

Essas árvores são a evidência de uma conexão muito antiga com o solo, fonte de toda cultura. A prática de Ai Weiwei ao longo de sua carreira tem sido a de revelar raízes perdidas e evidências de cultura ameaçadas, primeiro na China, nos projetos sobre refugiados, e agora no Brasil. Reconectar-se às raízes e encontrar o elo perdido nos permite reencontrar uma ancestralidade de que nos esquecemos, que parece perdida. (MINISTÉRIO DA CIDADANIA, 2019, p. 5)

A exposição *Raiz Ai Weiwei* esteve , em Belo Horizonte, sob curadoria de Marcello Dantas, aberta ao público entre 06 de fevereiro e 15 de abril de 2019. A mostra apresentou trabalhos icônicos do artista e outros inéditos, inclusive obras especialmente pensadas para esta exposição, algumas produzidas em nosso país.

Antes de chegar à exposição, acreditei que pudesse ser proveitoso acessar alguma informação sobre o contexto do artista e de sua produção. Com a colaboração das professoras de História e de Geografia, estudamos sobre a China, seu contexto histórico, geográfico e político. Assim, adentramos a exposição com alguma expectativa em verificar como ele conseguiria exercer seu papel de porta-voz de um povo sem voz, num país onde aprender a ficar calado é uma forma de sobrevivência, como Ai Weiwei encontrava meios de não se calar, nem mesmo enquanto estava sendo vigiado? Assim, além do primeiro impacto que o contato com a obra causa, através da linguagem visual, ficou mais viável a percepção das teses abordadas, tais como a situação dos refugiados, as questões ambientais, os conflitos com o governo chinês, a perda de liberdade, a censura, a tradição, entre outros assuntos contemporâneos que se harmonizam por via da expressão artística. Temas que nos fazem refletir sobre nosso próprio contexto social e cultural, nossas histórias e raízes.

Obras de Juazeiro do Norte (assim nomeadas por Weiwei ao vê-las), 2008, dimensões variáveis, chamou a atenção dos alunos, a ponto de alguns declararem que foi aquela de que mais gostaram. O artista criou uma composição em círculo com um conjunto de trabalhos esculpidos em madeira, pelos artesãos da cidade de Juazeiro do Norte. As peças foram esculpidas à maneira dos *ex-votos*, objetos que romeiros levam para pagarem suas promessas em sinal de agradecimento pela graça alcançada. Houve identificação com algumas das peças do imaginário

religioso, peças do corpo humano e com alguns objetos que os artesãos retiraram da trajetória do artista, bem como imagens relacionadas à sua vida e seu trabalho. De modo geral, impressionaram-se com a técnica e a riqueza de detalhes esculpidos na madeira.

Outra obra que capturou imediatamente o interesse dos alunos foi *Lei da Viagem (Protótipo B)*, 2016, neste caso, inicialmente, pela grandiosidade – um bote com 51 bonecos feitos em PVC reforçado nas dimensões 3 x 16 x 5,6 m. Instigou-me a identificação imediata daquilo que a obra retrata, já que é uma referência aos barcos usados por refugiados, principalmente sírios, que tentaram chegar à Europa. Muitos se lembraram de reportagens da TV e de redes sociais que tratavam do assunto. Comentaram entre si que “esta estava fácil”. Percebi, então, que os alunos, vinculavam a obra, primeiro, a sua ideia/ contexto para somente depois observá-la e apreciá-la como um objeto artístico.

Também se impressionaram com *Deixando Cair Uma Urna da Dinastia Han*, 2016 – Ai Weiwei reproduziu três fotografias em peças de *Lego* 240 x 200 x 3 cm cada – considerada uma obra-prima pelos críticos de arte, a qual apresenta o artista derrubando intencionalmente uma urna cerimonial, de cerca de dois mil anos, da Dinastia Han, período de destaque da história da civilização chinesa. Os motivos que levaram os alunos a se impressionarem com a obra são vários, dentre eles: a técnica empregada, segundo eles pela paciência necessária para unir as peças uma a uma, a coragem do artista em quebrar um objeto tão valioso e, ao mesmo tempo, a atitude agressiva e ousada de colocar em xeque os modos tradicionais de pensamento dos chineses, sem temer, aparentemente, uma nova prisão. Contudo, há outro motivo, o qual envolve o contexto da produção da obra. Ai Weiwei tinha a intenção de comprar peças da empresa *Lego*, mas esta, se recusou a vendê-las, para não se envolver em questões políticas, assim, só pôde concluir sua ideia porque recebeu doações suficientes de seus fãs e seguidores de peças do brinquedo.

Não posso deixar de mencionar o silêncio que se fez diante da obra *Dedo*, aliás, diante de várias figuras do dedo do meio. Talvez os alunos tenham experimentado um momento de pasmo, seguido de um efêmero êxtase. Em uma série de fotografias, o artista levanta o seu dedo do meio, em um gesto agressivo e irônico para monumentos chineses e diversos pontos turísticos mundiais visitados

por ele. O gesto tem um significado muito direto para nós ocidentais, embora seja reprimido e recriminado. Os alunos identificaram em Ai Weiwei uma espécie de “herói”, pois também lhes perpassa o desejo da transgressão e, no entanto, se alguma vez a cometem, não podem, contudo, legitimá-la.

Ainda tratando de conceito da obra, reteve-me mais atenção *He Xie*, 2010, dimensões variadas, que consiste em uma diversidade de caranguejos feitos de porcelana, empilhados um sobre o outro, dispostos em círculo no centro da sala. A obra se refere à censura e controle de acesso à internet vivido na China, à qual blogueiros se referem através da gíria caranguejos (xiè). Plasticamente, destaco a obra *Duas Figuras*, 2018 – realizada com gesso, colchão, sementes de ormosia. O artista a realizou no Brasil, após ter um sonho erótico. Ele usou o molde de seu próprio corpo e de uma modelo brasileira. Fica implícita a sexualidade, bem como a violência. Os dois corpos brancos se encontram deitados sobre um colchão, o masculino com o corpo voltado para cima e o feminino deitado de lado, dando as costas ao outro, e uma grande mancha vermelha que se forma em um círculo parece sair do primeiro.

Creio ser relevante deixar também relatada a impressão das professoras que colaboraram com o desenvolvimento da pesquisa na escola. Ambas ressaltaram a surpresa diante de obras tão gigantescas e ao mesmo tempo da riqueza em conhecer um pouco da China, num contexto mais atual, muito diferente do que os livros ainda nos apresentam sobre essa cultura oriental. Essas professoras destacaram a obra *Forever Bicycles*, uma instalação que reúne 1254 bicicletas de aço inoxidável, se encaixando de maneira inusitada. O destaque foi feito em relação aos comentários dos alunos, diante da maneira peculiar com que as bicicletas foram colocadas, descontextualizando a sua importância com relação à mobilidade na sociedade chinesa. O objeto passa a ser visto de outra forma, desafiando a outras reflexões. Assim como fazia Duchamp, como um *readymade*⁵, Ai Weiwei deslocou esse artefato familiar aos chineses. Inusitado o alcance da arte quando observamos as relações estabelecidas pelos professores e alunos diante dessa obra, ainda que

⁵ Esse termo foi criado por Marcel Duchamp (1887-1968) para designar um tipo de objeto, por ele inventado, que consiste em um ou mais artigos de uso cotidiano, produzidos em massa, selecionados sem critérios estéticos e expostos como obras de arte em espaços especializados (museus e galerias). Seu primeiro ready-made, de 1912, é uma roda de bicicleta montada sobre um banquinho (*Roda de Bicicleta*). Disponível em <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo5370/ready-made>> Acesso em 21 dez 2019.

alguns, ou a maioria não tenha estudado sobre Marcel Duchamp, a obra alcançou seu objetivo por si só.

Ao retornar à escola, nas aulas que se seguiram, as obras visitadas na exposição Raiz foi tema de calorosos debates a respeito da cultura chinesa e também brasileira, discutiu-se censura, valores, tradições, construção do novo e de vários conflitos vivenciados pelo artista, pelos chineses e também por nós, brasileiros. Obras tão gigantescas que, ao mesmo tempo, se tornam acanhadas diante de enormes problemas que não são mais locais. Meus alunos retrataram um pouco disso na construção de suas próprias obras, tema do próximo capítulo desta monografia.

CAPITULO 3: VIVENCIANDO EXPERIMENTAÇÕES ESTÉTICAS CONTEMPORÂNEAS

Ao retornar para a sala de aula, as conversas, as discussões e os debates sobre a exposição, a China, o artista Ai Weiwei e como todo esse universo se relacionava com o Brasil não cessavam. A dificuldade de conseguir silêncio no início de cada aula, algo rotineiro, agora, parecia insuperável. Do mesmo modo se deu nas aulas de História e de Geografia. Mas, um silêncio perturbador se formou quando determinei que nas próximas aulas de Arte eles deveriam produzir a partir de suas reflexões a respeito das obras de Ai Weiwei. Uma pergunta tímida ousou quebrar brevemente o silêncio: “Como?”. Depois, mais outra se encorajou: “O que é para fazer?” Agora, o silêncio havia ficado perturbador para mim. Precisava fazê-los entender que essa resposta deveria vir deles mesmos.

Percebi, mais uma vez, que minha resistência com a arte contemporânea, tanto no que tange a lacuna de minha formação como a falta de informações, conforme já relatei, foi um dificultador no princípio deste trabalho e, talvez, no decurso dele, algumas vezes, uma espécie de bloqueio a ser superado. O desafio agora era superar a dificuldade de fazê-los produzir a partir das próprias reflexões sem, necessariamente, usar o desenho figurativo em um papel com o lápis de cor. Ao invés disso, aplicar suas reflexões em representações através de objetos, performances e instalações. Na verdade, era um problema para ambas as partes, docente e discente. Embora o desenho figurativo também constituísse um obstáculo para muitos e, a nova proposta pudesse fazê-los até se sentirem aliviados por não precisarem mais utilizá-lo, ao contrário, ficaram perdidos sem saber como representar uma ideia que não por essa via. A dificuldade e a preocupação de antes era da técnica, a fim de realizar um desenho naturalista, agora era a de usar maneiras diferentes e, talvez, inusitadas para o que estavam habituados até então, de representar e de olhar o objeto.

Então, ao iniciarmos a busca pelos conhecimentos necessários para embasar nossa produção artística, para além do encantamento da exposição, passamos a um trabalho mais sistematizado. Começamos assistindo uma diversidade de vídeos produzidos e lançados em redes sociais como o *Youtube*, entre eles: “Democracia não é uma palavra vazia, diz Ai Weiwei”, pequeno documentário feito pela TV Folha,

em entrevista com o artista a respeito de sua obra; “Ai Weiwei (legendado)”, pequena reportagem da *Times Talks* com o artista à respeito de arte e política; “Entenda o desaparecimento do artista Ai Weiwei”, pequeno documentário feito pela TV Folha e “Raiz e o extraordinário Ai Weiwei”, entrevista com Marcelo Dantas sobre a exposição Raiz Ai Weiwei na Oca – Parque Ibirapuera-SP. Enfim, os vídeos mais relevantes em que o artista Ai Weiwei fala sobre seu processo de criação, bem como críticos, repórteres e outros artistas.

Por conseguinte, veio a necessidade de situar os alunos a respeito das diversas linguagens próprias da arte contemporânea como o *Happening*, a *Performance*, a Instalação, a Arte Conceitual, o Minimalismo, a *BodyArt*, a *OpArt*, a *Pop Art* e a *Art Street*, as quais se interligam na obra de Ai Weiwei. Novamente imaginei recorrer a mais aulas com vídeos, aliás, facilmente encontrados na internet, explicando sobre o que é arte contemporânea e suas linguagens. Entretanto, demandaria muito tempo expor uma aula para cada uma dessas linguagens, sem falar que poderia se tornar monótono. Ocorreu-me, então, propor uma inversão de papéis, na qual os alunos deveriam se organizar em grupos, para dar uma aula expositiva ao restante da sala sobre uma das linguagens da arte contemporânea, que lhes coubesse mediante um sorteio.

A fim de montar suas apresentações, primeiramente, os alunos utilizaram o laboratório de informática da escola e, por meio da internet, pesquisaram sobre cada linguagem, colheram informações, imagens e vídeos. Depois, utilizaram um programa para criação/ edição e exibição de apresentações gráficas, cujo objetivo é informar sobre um determinado assunto, podendo usar para tanto imagens, sons, textos e vídeos, os quais podem ser animados de diferentes maneiras para a apresentação. Contudo, foi preciso antes um melhor entendimento do suporte tecnológico. Durante uma aula, a orientação ficou em torno de como se valer dos recursos informáticos, inclusive mais básicos, tais como as formas de pesquisar na web, copiar, colar, salvar, uso de efeitos de texto, cores etc. Apesar da necessidade dessa primeira orientação, logo em seguida, não havia mais dificuldade. Pelo contrário, se apropriaram bem do funcionamento das ferramentas tecnológicas, sem transparecer complexidade diante desse conhecimento, aos poucos, entre eles mesmos iam sanando suas dúvidas. Utilizaram quatro aulas de arte no laboratório de informática.

Finalizadas as pesquisas, vieram as apresentações. Foram destinados vinte minutos para apresentação de cada tema e foi mais ou menos essa média de tempo utilizada por cada grupo mesmo, totalizando, assim, cinco aulas de arte para todas as apresentações. Durante cada exibição, com o uso do *data show*, os alunos mostraram imagens e vídeos sobre os artistas e suas obras, contextualizaram o período, trouxeram os principais conflitos que o nosso país e/ ou o mundo estavam vivenciando e conceituaram a linguagem artística exposta. Para finalizar, eles deveriam explicar sobre uma obra específica, argumentando o motivo de a terem escolhido, trazendo suas reflexões a partir dela e fazendo uma análise formal a respeito de suas características plásticas.

Dessa forma, pude oferecer a eles e através deles, exemplos de diferentes maneiras de como se expressarem a respeito de algo. E demonstrar que os seus trabalhos não têm que ser, necessariamente, concluídos somente através do desenho, a não ser que queiram, assim como alguns poucos o fizeram. Compreendeu-se, pois, que a arte do nosso tempo não tem limitações de técnicas, espaços ou linguagens e que eles, portanto, poderiam misturar um pouco de tudo para caracterizar seus processos de criação individuais. Desse modo, buscamos novos olhares para o ensino de Arte, não restringindo ou minimizando suas vivências estéticas.

A partir daí, começaram a entender que as respostas de “Como?” e “O que é para fazer?” viriam deles. Vieram, então, outros questionamentos: o que eles queriam dizer; o que eles teriam para questionar; o que eles gostariam de compartilhar com o público; ou, que provocações eles gostariam de trazer para o restante da escola. Entenderam também, que era necessário apresentar algo que vá além, que amplie seus horizontes, que provoque estranhamento, que aguace a reflexão do seu público, assim como as obras de Ai Weiwei os provocaram.

Após esses entendimentos, iniciou-se o processo de criação. Eu, sempre com muito cuidado, para não interferir no jeito próprio de cada um ser e perceber o mundo, buscava uma forma que os ajudasse a expressar o que queriam, no intuito de que, futuramente, esses alunos pudessem desenvolver sozinhos os seus próprios trabalhos. Propor experiências que estimulem nos alunos suas habilidades de criação e de senso crítico, não é uma tarefa fácil, já que se deve tomar muito cuidado para que o discente não acabe apenas reproduzindo uma ideia do

professor, sobretudo, quando esse professor está ampliando seus conhecimentos junto deles, como era meu caso. Há proveito e relevância no trabalho simultâneo, mas, percebi que certo distanciamento é indispensável para não podar a liberdade de criação. O aluno deve ter considerada, ao máximo, sua liberdade, para se expressar ao vivenciar suas experiências estéticas, afinal, a liberdade é um dos conceitos básicos da arte. Guimarães (2009) conclui em seu trabalho que:

... a proposta de Umberto Eco de “abertura” do objeto estético permanece atemporal. Isto porque ela se sedimenta naquilo que é visceral do ser humano: a sua liberdade... Ao estimular à assunção da responsabilidade e à escolha individual, o discurso sobre a possibilidade de uma fruição “aberta” da obra de arte constitui-se em um desafio e um estímulo ao ser humano, para que desenvolva sua percepção, sua imaginação e sua inteligência. (GUIMARÃES, 2009, p. 1911)

Ao produzirem seus trabalhos, muitos dos alunos sentiram a necessidade de que suas expressões provocassem no restante da escola reflexões a respeito dos momentos políticos os quais estávamos vivenciando e a influência estrangeira dentro da nossa cultura, assim como Ai Weiwei demonstrou suas inquietações a respeito da política e da cultura chinesa.

Alguns alunos fizeram cartazes questionando o consumismo dentro de uma estética *pop*. Usando como suporte o papel *craft*, eles contornaram seus corpos, em posições de homicídios – como mostram os filmes americanos – e preencheram com imagens da cultura de massa televisada e produtos de consumo. Inicialmente, fixaram pelo chão da escola, ao perceber que o trabalho de papel não teria a durabilidade desejada, retiraram as imagens do chão e fixaram-nas na parede.

Também queriam falar sobre a tragédia de Brumadinho⁶. A ideia inicial era se lambuzar de lama e assistir às aulas e desfilar pela escola desse modo, no entanto, foi necessário colocar um limite em virtude de problemas de ordem prática.

⁶ A barragem de Brumadinho pertence à mineradora Vale, localizada na Mina do Córrego do Feijão, em Brumadinho, região metropolitana de Belo Horizonte (MG). A barragem estava inativa desde 2015, porém, rompeu-se no dia 25 de janeiro de 2019, liberando 11,7 milhões de metros cúbicos de rejeitos de mineração, desencadeando uma onda de lama que destruiu casas, vegetações e matou várias pessoas e animais. Nove meses depois do desastre ambiental, que resultou na morte de 252 pessoas, dezoito continuam desaparecidas. A área de vegetação impactada representa 147,38 hectares, isto é, quando a lama secar, será formada uma camada dura no solo, prejudicando o desenvolvimento de vegetação e a fertilidade do solo. Disponível em <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2019-11/negligencia-causou-tragedia-de-brumadinho-diz-escritor>> Acesso em 16 jan 2020.

Sobretudo, no que se referia à integridade física, que poderia mesmo vir a comprometer a saúde, uma vez que ficariam sujos e molhados por quatro horas e meia. Inclusive, caso se sentissem incomodados, a escola não dispunha de estrutura para atendê-los, pois não é dotada de chuveiros para que pudessem se lavar e tampouco poderia dispensá-los das aulas. Então, surgiu a ideia de usar bonecas, no lugar dos modelos humanos. No horário da aula de arte, utilizaram terra e água da escola para formar o barro com o qual lambuzaram as bonecas que haviam trazido. Ainda separaram algumas partes dos corpos delas e dispuseram no jardim da escola, segundo eles, para chamar mais a atenção de quem passasse, pois “seria algo feio atrapalhando o bonito.” Para a abertura dessa instalação, ainda fizeram uma *performance*. Durante o recreio, encheram alguns baldes com água barrenta e jogaram sobre as bonecas e partes dispostas no jardim. Fincaram aí uma plaquinha de papel intitulando a instalação como “Tragédia de Brumadinho”. Também registraram seus nomes e a mantiveram lá por cerca de uma semana. Cuidaram ainda de fazer fotografias e vídeos e os disseminaram nas redes sociais. Esporadicamente, vinham dar notícias do que ouviam dos outros alunos da escola e também dos professores.

Outro grupo manifestou interesse em enfatizar que as populações civis, nos conflitos, não eram preservadas e que as consequências deixadas para os inocentes poderiam ser devastadoras. Para expressar essa ideia, os alunos confeccionaram uma roupa de soldado militar para bebê e vestiram uma boneca, modelo bebê de cerca de 50 cm, amordaçaram-na e deixaram-na pelos cantos da escola. A cada dia eles trocavam a boneca de lugar.

Outro grupo quis falar sobre uma possível censura velada. Aqui eles fizeram uma releitura dos veículos de comunicação impressa, que eram controlados no período da Ditadura civil-militar (1964-1985) no Brasil. É importante ressaltar que esse contexto foi repassado aos alunos pelos educadores da instituição durante a exposição. Ao passar pela obra *He Xie* (2010), a qual se refere à censura e controle de acesso à internet vivido na China, foi mencionado que no Brasil, durante o período da Ditadura, os jornalistas, cujas matérias eram censuradas, publicavam receitas de bolo no lugar dos espaços que ficariam em branco nos jornais, a fim de sinalizar que ali haviam matérias censuradas. Assim, os alunos preencheram uma parede da escola com matérias de jornais do respectivo ano, e substituíram algumas

dessas matérias por receitas de bolo, deixando somente o título da matéria. Além disso, a intenção deles era também distribuir pedaços de bolo, durante o recreio, para quem parasse para ver o trabalho, porém, infelizmente, não conseguiram se organizar para tanto.

Houve também grupos que queriam usar a arte para conscientização. Um desses queria falar a respeito das questões ambientais, desmatamento, queimadas e da importância de se preservar o meio ambiente. Para isso, eles cobriram, no sentido de embrulhar, duas árvores da escola, com tecidos. De antemão, desejaram fazê-lo com plástico-bolha, mas o custo do material e a dificuldade de encontrá-lo nas proximidades da comunidade fizeram com que o substituíssem pelo tecido TNT, que, inclusive, pôde ser fornecido pela escola. Colaram frases de conscientização e assinaram.

Seguindo nessa temática, outro grupo vedou, embrulhando com tecido TNT, todas as torneiras dos bebedouros da escola e colaram cartazes pedindo para se economizar água e não desperdiçar. Cabe ressaltar que no planejamento da obra, a cor vermelha foi determinada por ser usada para simbolizar proibições nas placas de regulamentação, mas na falta do vermelho utilizaram-se de outras cores. Embora tenha sido a obra que, naturalmente, durou menos, foi a que teve mais repercussão e gerou mais polêmica no ambiente escolar. A obra manteve-se no primeiro dia de aula, mesmo sob muitos protestos, mas, no segundo dia, no início do segundo turno, algumas das torneiras já estavam descobertas. Os alunos que fizeram a instalação se sentiram incomodados e cobriram novamente as torneiras, entretanto, no final do turno já não havia mais nenhuma torneira coberta.

As discussões sobre o resultado da exposição dessa obra, em específico, gerou reflexões a respeito tanto da efemeridade de uma obra quanto do vandalismo. Inicialmente os idealizadores ficaram muito satisfeitos e entusiasmados com a polêmica que ela causou, porém, ficaram instantaneamente revoltados com o seu “desmanche”. Essa reação causou uma pausa nas produções para tratarmos da possibilidade de efemeridade da obra, característica da arte contemporânea que pôde ser mais bem compreendida após essa prática. Conversamos também sobre quando um ato é considerado vandalismo e quando não passa da interação do sujeito com a obra. Nesse ponto, veio à tona a discussão de por que o grafite é arte enquanto a pichação não o é, momento no qual me surpreendi com a participação

efetiva do grupo de alunos que apresentaram anteriormente sobre a *Street Art*, tomando frente no debate e nos esclarecimentos necessários.

Silva (2012) argumenta sobre a efemeridade da obra na intervenção urbana, em que a experiência tanto para o artista quanto para o público acontece de maneira inusitada, podendo ser até mesmo indesejada para ambos. Dentro das galerias de arte, o espectador que lá está, de certa forma, já está preparado para a fruição do objeto artístico. O contrário acontece quando a obra é levada para fora desse ambiente, pois, quem fruirá é o cidadão comum, muitas das vezes sem preparo para a experiência artística, o qual é pego de surpresa em meio aos seus afazeres. Mas, ao propor a fruição fora de um ambiente convencional, mesmo que por um breve momento, barreiras entre a arte e o público estão sendo quebradas ao propor esses diálogos ente objeto, espaço e tempo.

Toda Intervenção Urbana, tem em sua essência um caráter transitório, é uma obra efêmera por excelência. Sua relação com o espaço, mesmo sendo intrínseca à sua composição e existência se dá de forma efêmera, fazendo com que a relação espaço-temporal da obra faça parte de sua natureza, sendo essas essenciais à sua fruição. (SILVA, 2012, p. 215)

Houve quem não quisesse tratar de nenhuma polêmica, tão somente propor uma experimentação estética. Assim, foram apresentadas esculturas de canudinhos de papel, apenas pelo fato de experimentar a abstração e se afastarem da figura humana. Houve alunos que se pintaram e desfilaram pela escola. Os desenhos pintados eram uma referência à arte indígena, que segundo conclusões deles, era arte contemporânea, por ser um exemplo de *Body Art*.

Um exemplo de *Happening* foi produzido por outro grupo, que apresentou sobre essa linguagem plástica uma festa das cores. Eles leram sobre o *Holi*⁷ durante suas pesquisas, sobre o *Happening* e quiseram reproduzir na escola. Os próprios alunos, em casa, com a ajuda dos pais de um deles, fabricam pozinhos de cores variadas e trouxeram para a escola. Durante o recreio, eles mesmos trouxeram uma

⁷ *Holi* é um famoso festival indiano, que, nos últimos anos, se espalhou pelo mundo. Conhecido pela explosão de cores, o evento chegou ao Brasil em 2012. Na Índia o *Holi* é a celebração da chegada da primavera, também é uma forma de agradecer aos deuses indianos pelo bem vencer o mal. É um festival de renovação de relações e sentimentos, celebrado também com danças e músicas. Disponível em <<https://f5.folha.uol.com.br/musica/2017/08/holi-o-festival-das-cores-retorna-a-sao-paulo-com-foco-nas-tradicoes-indianas.shtml>> Acesso em 31 jan 2020.

caixa de som e colocaram músicas num volume bem alto. Então, começaram a dançar e a jogar o pozinho para cima, de forma que todos que passassem por perto seriam atingidos, alguns entraram na “brincadeira”, outros só ficaram olhando.

Ainda quanto à experimentação estética, outro grupo manifestou a vontade de realizar sua experiência aproveitando-se da visibilidade do horário do recreio, mas a direção da escola achou melhor não, por questões de segurança. A *performance* consistia em colocar fogo numa esponja de aço e correr rodando-a, até que se apagasse. Então, fizeram no horário da aula de Arte, na quadra, com os demais colegas de sala assistindo da arquibancada. O público ainda se estendeu a outra turma do nono ano, que foi convidada juntamente de seu professor regente. Os alunos acharam divertido, no entanto, ponderaram que seria esteticamente mais interessante se fosse à noite. O professor que acompanhava a outra turma, por não ter participado de nenhuma etapa do processo, manifestou que não havia entendido nada e que não via significado naquilo, apenas via crianças brincando como ele fazia na infância. Após esse pronunciamento, vieram reflexões a respeito das diferentes reações que a arte contemporânea pode causar nas pessoas.

Segundo Cattani (2002), aqueles que fazem parte do universo da arte dominam um discurso que fará com que, mais do que o público leigo, tentem buscar respostas para as questões colocadas pela obra, mas não necessariamente deve-se descartar o olhar do leigo, pois a arte aceita uma infinidade de discursos, e todos poderão ser válidos, embora nenhum seja capaz de encerrar uma explicação para a obra como único verdadeiro. Essa troca de discursos sobre a obra é muito presente na arte contemporânea. Ainda de acordo com Cattani:

Quanto mais próxima de nós, mais a produção artística coloca problemas: não apenas pela proximidade, já por si mesma elemento perturbador, mas também pela complexidade crescente do objeto de estudo. As novas formas de fazer acarretam necessariamente, novas formas de olhar e de analisar. (CATTANI, 2002, p. 43)

Houve também aqueles alunos que não alcançaram muito sucesso com as suas escolhas. Cabe esclarecer que o uso do termo “sucesso” partiu dos próprios alunos, assim como a medida de êxito com a qual o calculavam. Os educandos estavam medindo o resultado do seu trabalho de acordo com a reação do restante da escola. Aquelas obras que geravam mais comentários e participações do público

eram vistas como bem sucedidas, enquanto que, do contrário, considerava-se fracasso. Essa reação suscitou questões relevantes para o nosso processo criativo e de ampliação do horizonte de conhecimentos, afinal, nos fizeram refletir para quem se faz arte e por que fazer arte.

Um dos grupos vistos como fracassados foi o que decidiu expor o seguinte objeto artístico pela escola: duas caixas de papelão forradas com tecidos, cada face com uma cor diferente, as quais foram deixadas aleatoriamente pelo chão da escola. Durante o recreio, os alunos ficaram observando a reação do público, eles passavam pelas caixas sem fazer nada, o único comentário que ouviram foi “Quem deixou isso aqui”? A frustração veio em função da expectativa que seus autores criaram, de que “era para os outros chutarem a caixa ou jogar para cima”, mesmo não havendo nenhuma orientação para isso. Dessa forma, consideraram que a obra foi um fracasso.

Outro trabalho assim considerado pelos próprios criadores, foi o do grupo que colou pela escola uma folha vermelha, outra amarela e outra azul, separadamente. Lembro-me que eles justificaram tratar-se da releitura de uma obra minimalista, porém, não causou nenhuma reação ao público e, por isso, outra vez a consideração do fracasso.

Mais um insucesso, de acordo com as avaliações dos educandos, foi do grupo que escreveu várias frases pelas paredes da escola – deve ser ressaltado aqui que a parede foi forrada antes com papel *craft* – a pedido da direção, que não queria pichadas as paredes da escola. As frases não eram de autoria dos alunos, nem tinham a referência de seus autores. Algumas delas foram: “Quem veio da merda e quer crescer faz um real virar um milhão”; “Toda conquista começa com a decisão de tentar”; “Vai atrás daquilo que te faz feliz e fod@-se o resto”. A causa do fracasso não foi pelo fato de terem sido ignoradas, mas pelo público considerá-las descontextualizadas, replicando-as com comentários do tipo “E daí!?” ou “Por que escreveram isso aqui?” O grupo, aliás, manifestou o desejo inicial dessas frases estarem escritas com os efeitos visuais do *graffiti*, porém, arrefeceram os ânimos diante da falta de habilidade, a qual não se propuseram tentar adquirir e tampouco puderam arcar com os custos do material para a realização do trabalho nesses moldes.

Não há, evidentemente, como narrar todas as vivências que o desenvolvimento desta proposta de trabalho proporcionou. Ficam aqui registradas aquelas que considere mais significantes, para mim e para os alunos. Não me vali, evidentemente, do mesmo critério que eles. Tomei como medida de êxito as obras que foram bem sucedidas no sentido de trazer reflexões significativas quanto ao papel da arte, mesmo não fazendo “sucesso” em relação às suas expectativas. A maioria dos trabalhos ficou exposta por uma semana. Contudo, para sua criação houve variações no tempo de execução, alguns finalizaram em uma aula, enquanto outros necessitaram de até três.

Devo ressaltar que somente após essas experiências, eu, enquanto educadora, consegui firmar um espaço de discussão e reflexão a respeito da arte, dentro da sala de aula. Até aqui, não havia diálogo efetivo entre aluno e professor, a não ser por reflexões rasas a respeito do que vem a ser arte e por que estudá-la, em que eu expunha os motivos e os alunos os acatavam como meros receptores de conceitos pré-definidos. Somente com a imersão no universo da arte contemporânea, buscando conhecê-la e experimentá-la, é que esse espaço tornou-se verdadeiramente produtivo, a fim de dialogar sobre o objeto artístico e/ ou sua participação política, bem como a relação do espectador com a obra, do por que se fazer arte e do por que se estudar arte. Esses alunos tornaram-se, assim, sujeitos ativos, participativos e detentores de conhecimentos até então ignorados, inclusive, por mim. Acredito que, após essas experiências, as aulas de tornaram-se mais significativas para eles, assim como para mim. Os educandos se aproximaram mais do fazer e fruir arte, não se limitando a suportes e trazendo para si novas maneiras de ver o mundo e de expressá-lo. Porém, essas conclusões, deixo-as para o próximo capítulo, no qual venho apresentar as considerações finais à respeito dessas vivências.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A arte contemporânea no nono ano do ensino fundamental da Escola Municipal José Miranda Sobrinho, lecionada por esta professora pesquisadora, como visto ao longo deste trabalho, se caracteriza como algo novo em nosso cotidiano. A apresentação da obra e do artista Ai Weiwei, mostrou-se de fundamental importância para a imersão nos conceitos e na construção das propostas de experimentação artística que nos permitiram empreender o entendimento da arte contemporânea.

A obra de Ai Weiwei se coloca como um fazer artístico exemplar, condizente com os novos meios da arte do nosso tempo, traz possibilidades infinitas de criação e de recriação. Dependendo de onde e de como é apresentada sua obra, propõe e desenvolve um novo diálogo a cada nova montagem. Assim sendo, uma mesma proposta pode encontrar novos meios de se apresentar ao público na China, no Brasil ou em qualquer outro lugar. Decerto por isso, a necessidade do artista de expressar a tensão entre o mundo contemporâneo e os modos tradicionais chineses de pensamento e produção também fazem com que as pessoas dos outros países, através da fruição de suas obras, remetam esse contexto para os problemas próprios de suas culturas. E não poderia ter sido diferente para mim e para meus alunos. Sua obra proporcionou experiências que estimularam nos alunos seu senso crítico diante dos acontecimentos políticos e sociais atuais, além de seu senso estético diante do fazer, do apreciar e do refletir, sobretudo, mediante a criação de suas próprias obras.

Assim, inspirados por este artista chinês, meus alunos também demonstraram criatividade e ousadia em seus trabalhos, apresentando uma reflexão puramente estética, bem como, sobre as causas sociais, humanas e políticas. Desafios da contemporaneidade que esses alunos do nono ano do ensino fundamental souberam amarrar às suas produções artísticas de forma a evidenciar o amadurecimento de seus conceitos e percepções.

A arte contemporânea apresenta uma necessidade de mexer com os sentidos do espectador, de provocá-lo, quase que obrigá-lo a passar por sensações ora agradáveis, ora desconfortáveis. Pode-se dizer que uma obra contemporânea é um reflexo do nosso tempo, que se desenvolve no universo particular do indivíduo,

tendo uma relação íntima com seu espectador. Muitas das vezes, esse diálogo que se estabelece entre espectador, obra e artista, é que vai concluí-la. Nesses aspectos, a obra de Ai Weiwei se apresenta incontestável, seja na China ou no Brasil, no meio real ou mesmo no virtual, sua poética conecta-nos com nossas memórias simultaneamente a compreensão dos fatos atuais do mundo, levando-nos, assim, a vivenciar a obra de forma plena, a dele (artista consagrado) e a nossa (artistas em formação).

Na sala de aula, através do resultado dos trabalhos dos meus alunos, pude perceber uma aceitação melhor da arte contemporânea. Esse fato ficou evidente, inclusive, pela observação do investimento da maior parte dos educandos e até mesmo da escola, para a realização das propostas. Enquanto antes, ao menor sinal de dificuldade, cancelava-se uma atividade e partia-se para outra, mecanicamente, desta vez, eles mesmos buscavam alternativas para vencer as barreiras que os impedissem de executar suas obras, o quanto antes. Evidenciando um envolvimento e desejo muito maior de concretizar o trabalho, certamente, porque as propostas partiram deles mesmos.

Como a arte contemporânea se vale das tecnologias, constituiu importante etapa do processo, para aluno e direção, perceber o quanto o celular e a internet podem somar no aprendizado dentro do ambiente escolar. Mesmo após a etapa de pesquisa, feita no laboratório de informática da escola, os alunos sentiram a necessidade de continuarem pesquisando referências, materiais, novos meios e estratégias, e a única maneira de viabilizar a continuidade da pesquisa foi através dos seus próprios aparelhos celulares, uma vez que é grande a demanda do uso do laboratório de informática para toda a escola. Essa ferramenta, inicialmente vista apenas como um objeto de entretenimento, durante o desenvolvimento desta pesquisa, passou a ser percebida como uma ferramenta didática eficaz e formidável para o ensino-aprendizagem em sala de aula.

Trabalhar com a obra de Ai Weiwei proporcionou-me extrapolar a realidade do aluno, ampliando-a em consonância com suas vivências, sem desconsiderar sua cultura, seus costumes, sua comunidade, mas como estratégia para aguçar pensamentos e práticas, estéticas e críticas até então adormecidas, as quais despertas, fizeram que eles próprios sentissem necessidade de criar e provocar em seu público as mesmas sensações que, de algum modo, puderam experimentar.

Tomando o espaço escolar como caminho legítimo para atividades coletivas e reflexivas, tenho convicção que ofereci a meus alunos um catálogo de possibilidades a serem exploradas daqui para diante, aperfeiçoando suas capacidades intelectuais e práticas estéticas, concomitantemente.

Após essa vivência, percebi que adotar em minhas aulas a arte contemporânea, até então, desconsiderada em meu trabalho docente, bem como, a obra de Ai Weiwei, foi de suma importância, para o caminho de conceber aulas mais significativas para o ensino e aprendizagem em Artes Visuais, estimulando a curiosidade e a experimentação no pesquisar e no fazer artístico.

No sentido de atender à necessidade de propor vivências que pudessem fazer com que meu aluno fosse capaz de construir um conhecimento crítico e estético, num processo em que eu pudesse atuar apenas como mediadora, o encontro de meus anseios com a obra desse artista renomado, inserido nos conceitos da arte contemporânea, incitou à realização de algo novo em minha docência. Trouxe consigo um choque com a minha realidade de vida, tirou-me também do meu lugar comum, do papel confortável que ocupava como professora de Arte. Somente agora apreendi verdadeiramente o que diz Paulo Freire "... ensinar não é transferir conhecimento e sim criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção" (FREIRE, 1996, p. 12). Pude perceber a importância de o professor ser também um fruidor da arte do nosso tempo, bem como acompanhar as exposições atuais. Experimentei, em alguma medida, eu mesma, essa ignorância e perturbação, quando iniciei minhas pesquisas sobre a obra de Ai Weiwei. Ainda que tivesse conhecimento dos conceitos que permeiam a arte contemporânea, sentia falta de vivenciá-la. Somente após preencher essas lacunas, após iniciar este estudo, percebo que não é preciso entendê-la, mas aproximar-se e interagir.

REFERÊNCIAS

ARTE contemporânea: isso é arte. Roteiro: Eduardo Biz. Disponível em: <<http://artik.in/>> Acesso em 14 jun. 2019.

AZAMBUJA, Caroline de, SILVA, Úrsula Rosa da. *Arte contemporânea nas séries iniciais do ensino fundamental*. Disponível em: <<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/Arte/article/view/35/30>> Acesso em: 09 abr 2019.

BARBOSA, Ana Mae. *Tópicos utópicos*. Belo Horizonte: C/ Arte, 1998.

CATTANI, Iclea Borsa. In: BRITES, Blanca, TESSLER, Elida (Org.). *Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais*. Rio Grande do Sul: Instituto das Artes, UFRGS, 2002. p. 37-50.

COSTA, Gilberto. Negligência causou a tragédia de Brumadinho, diz escritor. Agência Brasil, Brasília, 2019. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2019-11/negligencia-causou-tragedia-de-brumadinho-diz-escritor>> Acesso em: 16 jan 2020.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura)

GUIMARÃES, Francisco de Assis Portugal. "Obra aberta": uma pluralidade de significantes. In: ENCONTRO NACIONAL DA ANPAP, 18., 2009, Salvador. *Anais...* Salvador: ANPAP, 2009, p. 1901-1912. Disponível em: <http://anpap.org.br/anais/2009/pdf/chtca/francisco_portugal.pdf> Acesso em: 09 jan 2020.

LINCOLN, Volpini. Pintura. In: PIMENTEL, Lucia Gouvêa (Org.). *Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais*. Belo Horizonte: Escola de Belas Artes da UFMG, 2008. v. 3. p. 60-77.

LOYOLA, Geraldo Freire; PIMENTEL, Lucia Gouvêa. *Professor-artistaprofessor: materiais didático-pedagógicos e ensino-aprendizagem em Arte*. (Doutorado em Artes) – Escola de Belas Artes, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

LYN, Paula. 'Holi', o festival das cores, retorna a São Paulo com foco nas tradições indianas. Disponível em: < <https://f5.folha.uol.com.br/musica/2017/08/holi-o-festival-das-cores-retorna-a-sao-paulo-com-foco-nas-tradicoes-indianas.shtml>> Acesso em: 31 jan 2020.

MARTINS, Mirian Celeste (Coord.). Curadoria educativa: inventando conversas. Reflexão e Ação. *Revista do Departamento de Educação/ UNISC – Universidade de Santa Cruz do Sul*, Santa Cruz do Sul, v. 14, n.1, jan/jun 2006, p. 9-27. Disponível em: <http://fvcb.com.br/site/wp-content/uploads/2012/05/Canal-do-Educador_Texto_Curadoria-Educativa.pdf> Acesso em: 09 abr 2019.

MARTINS, Mirian Celeste; GUERRA, M. Teresinha; PICOSQUE, Gisa. *Didática do ensino de arte – A língua do mundo: poetizar, fruir e conhecer arte*. São Paulo: FTD, 1998.

MINISTÉRIO DA CIDADANIA, SECRETARIA ESPECIAL DE CULTURA. *Raiz Weiwei*. Catálogo. Belo Horizonte, 2019. 12 p.

OLIVEIRA, Ronaldo Alexandre de. *et al.* Arte contemporânea e ensino de arte na escola básica: a difícil tarefa e os desafios de se pensar a formação do professor de artes visuais.

In: ENCONTRO NACIONAL DA ANPAP, 17., 2008, Florianópolis. *Anais...*
Florianópolis:ANPAP, UDESC, 2008, p. 1402-1413.[cd rom]

ORTEGA,Y.; GASSET, José. *A desumanização da arte*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

PIMENTEL, Lucia Gouvêa. *Ensino de Arte no século XX: arte como disciplina*. Belo Horizonte: Fundamentos do Ensino de Arte II, do Curso de Licenciatura em Artes Visuais da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, 2006.

PIMENTEL, Lucia Gouvêa. *Ensino de Arte no século XX: auto-expressão criativa*. Belo Horizonte: Fundamentos do Ensino de Arte II do Curso de Licenciatura em Artes Visuais da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, 2006.

PIMENTEL, Lucia Gouvêa; XAVIER, Samara Vilaça. *Pesquisa em ensino/ aprendizagem em artes visuais II*. Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais. Belo Horizonte: Escola de Belas Artes da UFMG, 2008.

QUEM tem medo de Arte Contemporânea? Direção: Isabela Cribari e Cecília Araújo. Produção: Cristian Jerônimo e Leonardo Asfora. Roteiro: Isabela Cribari. Realização: Fundação Joaquim Nabuco e Massangana Multimídia Produções, 2008. (28 min.), son., color., Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?time_continue=44&v=qpctlrloenQ&feature=emb_title> Acesso em: 24 nov 2019.

READY-MADE. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2020. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo5370/ready-made>> Verbetes da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7 Acesso em: 21 dez 2019.

SILVA, Luciana Bosco e. *Instalação: espaço e tempo*. 2012. 243 f. (Doutorado em Artes) – Faculdade de Belas Artes, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/1843/JSSS-8R8LVY>> Acesso em: 23 jan 2020.

WEIWEI, Ai. Belo Horizonte: Ministério da Cidadania, Secretaria Especial de Cultura, 2019. 12 p. Catálogo de exposição, 06 fev-15 abr. 2019, Centro Cultural Banco do Brasil.

WIKIPEDIA. *Biografia de Ai Weiwei*. Disponível em: <https://en.wikipedia.org/wiki/Ai_Weiwei> Acesso em: 16 dez 2019.

WIKIPEDIA. *Campanha Antidireitista*. Disponível em: <https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Campanha_Antidireitista> Acesso em: 11 dez 2019.